

Poemas de Jeanne Marques*

Nem alegre, nem triste, nem poeta.

Segue a vida em amorfo tom,
Sem Meirelles, nem poesias.
Bem distante, ouço o som.
Bem mais perto, heresias.

Calcular quão bela e fria
É uma vida de palavras,
A sangria inicia,
Seca-me, destrói a alma.

Segue o canto em verso pobre
Com uma lúcida função:
Semear em homem nobre
Verbo impuro e corrosão.

Dançando no escuro

Torpe som em fria porta,
Em seu peito refletindo.
Natural, sombria e morta,
Alma impura se esvaindo.

Logo finje o triste olhar,
De escuros se esquivando.
Para o brilho fecha lar,
Para o caos segue andando.

Chamas

Esquentar um dia quero
Teu cardíaco iceberg
E queimar sua epiderme
Como Roma queimou Nero.

Viñas Rojas

Rasgando o brilho a terrível voz,
Secando o trigo que vivo traz morte,
Sabores antigos, lembro o algoz,
Um paliativo engana o corte.

Um gole, engulo tristeza. Sois vós,
Que em negras estampas esconde o riso,
Convertido em prosa, em meio ao lençóis
Estão os detalhes. És frio e conciso.

Retratção

Glórias e farsas assim retratadas
Em cristais e lustres, illustre ladrão.
Em meio ao caos, a honra roubaste
Espera, contudo, um dia, perdão.

Palhaço de asas vermelhas cortantes
Distantes de tudo, de mim, ilusão.
São feias as armas jogadas de costas
São belas desculpas as suas, jargão.

Quebrados os olhos esperam as novas
Que normas refazem pra pôr-me no chão.
Escorre o amarelo da suposta prova
E jogam palavras, e nem cultas são.

Percorre em verso distante a verdade.
Na mesa, a mentira e o mesmo pão.
Reformar ajuda. Agora é tarde.
Espera o tempo, um dia e um não.

Paginação Imprópria

E sela as almas contritas, o chumbo
Com classe e clássicos tolos a bordo.
Concordo, são lebres os corpos,
contudo transformam em pedaços os olhos de aço.

Selvagens e simples as formas disformes
Com nojo, enfermo, com dolo, sem zelo,
Eu faço e leio e vejo informes
Em coisas, em sonhos, há um pesadelo.

Os anjos vermelhos sumir já procuram
Assim como o oposto e vago cartão
Selado com fluidos mais ácidos, sujam
Um vão tão vazio quanto seu perdão.

Um trato fingido e um pacto amarelo
Formado por cinzas de sombras de

PENA

Tristes as plumas verdes,
Pela vida desbotadas,
Trancadas, empoeiradas,
Manchas na velha parede.

Tristes as plumas, vedes?
Pela morte almeçadas,
Soltas pelas estradas,
Secas como a sede.

Tristes as plumas verdes.
Tristes as plumas, vedes?

As plumas verdes.
As plumas, vedes?

Plumas verdes.
Plumas, vedes?

Verdes.
Vedes?

?

Carpe o quê?

Restam aos vivos
centelhas e cacos
de músculos. Risos
em cores, sem traços.

Restam aos vivos
proezas medonhas.
Distante o trigo,
faminta a vergonha.

Restam aos vivos
de pedra os olhos,
tão perto os abismos,
caíram entre abrolhos

Restam aos vivos
palavras pequenas,
poemas passivos,
e dores amenas.

Secret's

asas
Um dia pedante, de contos mais
belos
E outro de infernos e coros e brasas.

Viajam as partes a partes distantes
Do céu e da vida, da infame glória.
As feridas restam em meios
farsantes
Com sal e sem luz e sem vida,
escória.

Contrárias às suas banais e
formosas
Palavras, instantes, de gelo e sem
dor
Mortas estão essas plásticas pratas
Sujas de cobre, enxofre e louvor.

Por vezes, as ostras de pedras
cortantes
Selaram as carpas e ventos
brilhantes
O sol e as falas no mundo perdidas
Contidas estão na página adiante.

A árvore e o corvo branco

Use-me
Pode secar as folhas verdes
A seiva não quer mais correr
Estão tão caladas as paredes

Seque-me
Leve a parte que sobrou
Gotas não matam mais a sede
O corvo branco já pousou

Deixe-me
Depois lave bem as mãos
Veneno tem minha raiz.
Seu corpo parece ser são.

Mate-me
Com palavras arme o verso
Não corromper, prometo agora,
Sua imagem no inverso

Ouça-me
Eu desejo que você
Mesmo com brandas leituras
Consiga se refazer

Um quarto para a meia-noite

Rimel e brilho e pó
Descompacto o nó da garganta cortante

Sombras e cores é só
E escondo sem dó o aspecto pedante

Cheiros e cremes e velas
Encubro o vazio e a vida amarela

Água e mãos e tecido
Revelo sozinha o ar de perigo.

Acesas as velas os lábios derretem
Com chamas e cubos no copo de gelo.
As curvas e retas se jogam e prometem
Um pesar maior que o maior pesadelo.

O clock e o toc da porta condenam.
Encenam as almas impuras farsantes,
Derretem o inverso do espelho o reflexo,
Revelam o futuro bastardo de antes.

Nervosas, difusas no caos, e as veias
Em discussão entram e esquecem o clock
Palpitam os medos grudados nas teias
Paradas as mentes, um toc, o toc.

Ensurdecedor o menor barulho
Já percorre a dor sangrenta e armada.
Avisou o clock, amanheceu julho.
O surpresa toc, a face esperada.

Norma curta

Tão clara e tão simples feita
Enfeita e um tanto deforma
A norma não mais que perfeita
Desfeita por esta reforma.

***Jeanne Marques** é publicitária e tem Especialização em Criação Publicitária/IESP.